



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS
HABILITAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

NATHÁLIA RAFAELA DA SILVA ARAÚJO

AMOR E EROTISMO NAS CANÇÕES DE CHICO BUARQUE DE HOLLANDA

JOÃO PESSOA – PB
2018

NATHÁLIA RAFAELA DA SILVA ARAÚJO

AMOR E EROTISMO NAS CANÇÕES DE CHICO BUARQUE DE HOLLANDA

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Federal da Paraíba, para a obtenção do título de Licenciada em Letras, habilitação em Língua Portuguesa.

ORIENTADOR:

Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues

JOÃO PESSOA – PB

2018

AMOR E EROTISMO NAS CANÇÕES DE CHICO BUARQUE DE HOLLANDA

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Federal da Paraíba, para a obtenção do título de Licenciada em Letras, habilitação em Língua Portuguesa.

Data da Aprovação: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Hermano de França Rodrigues
(Orientador)

Prof^a. Dr^a. Fabiana Souza Silva Mendes de Araújo (UEPB)
(Examinadora)

Prof^a. Ms. Elisangela Marcos Sedlmaier (UEPB)
(Examinadora)

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

A663a Araujo, Nathalia Rafaela da Silva.
Amor e Erotismo nas canções de Chico Buarque / Nathalia
Rafaela da Silva Araujo. - João Pessoa, 2018.
36 f. : il.

Orientação: Hermano de França Rodrigues.
Monografia (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. Canção. Amor. Erotismo. I. Rodrigues, Hermano de
França. II. Título.

UFPB/CCHLA

*Primeiramente gratidão ao Deus Todo Poderoso.
Dedico este trabalho as minhas mães Marleide Gomes e
Maria do Carmo, exemplos de garra e perseverança. Ao
meu esposo, Nauto Junior e minha filha, Ísis Araújo, que
nunca deixaram de acreditar e de me apoiar.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, *POR ME DEIXAR RESPIRAR, POR ME DEIXAR EXISTIR*. Ao meu amado, que *COM AÇUCAR E COM AFETO*, sempre me incentivou. A minha mãe do coração, que nunca deixou de acreditar em mim, quem nutro um carinho e amor imensurável, e, *QUE UM DIA ME DISSE QUE CHEGAVA LÁ*. Aos *MEUS CAROS AMIGOS*, que estiveram junto a mim nessa jornada. Em especial, Michele Freire e Lusiana Henrique, foram anos de parceria, amizade e companheirismo, conseguimos construir uma amizade sólida e verdadeira, gratidão a vocês por sempre estarem presente nos momentos mais importantes da minha vida. A minha *CURUMINHA* Ísis, a qual é dona dos meus mais belos sorrisos, e incentivo diário para seguir em frente.

“As nuvens mudam sempre de posição, mas são sempre nuvens no céu. Assim devemos ser todo dia, mutantes, porém leais com o que pensamos e sonhamos; lembre-se, tudo se desmancha no ar, menos os pensamentos”.

(Paulo Beleki)

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo abordar a questão erótica e amorosa nas canções de Chico Buarque de Hollanda, sob o olhar teórico de Francesco Alberoni (1986), Octavio Paz (1994) e Betty Milan (1983), observaremos que o erotismo é desenvolvido nas canções buarquianas de forma simples e sutil, fazendo com que seja desconstruindo o principal pensamento em que o erotismo é associado que é a pornografia. Para Paz (1994) o erotismo é caracterizado como sexo em ação, um ato lúdico, e ao longo deste trabalho observaremos que em cada canção, o amor e o erotismo é posto de maneira diferente, ressaltando a qualidade intertextual do compositor carioca, de expor a libido de cada eu lírico de maneira única. Iremos perceber ao analisar as canções, que Chico Buarque traduz e investiga os desejos femininos de forma precisa, possui uma capacidade impressionante de se pôr no lugar delas e de sentir de maneira total e igualitária. Com base nesse contexto, iremos analisar cinco músicas do cancionista buarquiano, do ponto de vista de eu líricos femininos e masculinos, cujas letras estão inseridas na temática amor e erotismo: Valsinha (1970), Tatuagem (1972), O meu Amor (1977), Todo o Sentimento (1987), Aquela mulher (1985).

Palavras-chave: Canção. Amor. Erotismo.

ABSTRACT

This work aims to address the erotic and loving question in the songs of Chico Buarque de Hollanda, under the theoretical gaze of Francesco Alberoni (1986), Octavio Paz (1994) and Betty Milan (1983), we will observe that eroticism is developed in songs buarquianas in a simple and subtle way, making it deconstruct the main thought in which eroticism is associated with pornography. For Paz (1994) eroticism is characterized as sex in action, a playful act, and throughout this work we will observe that in each song, love and eroticism are put differently, emphasizing the intertextual quality of the Rio composer, of exposing the libido of each lyrical self in a unique way. We will realize in analyzing the songs, that Chico Buarque accurately translates and investigates women's desires, has an impressive capacity to put oneself in their place and to feel totally and egalitarian. Based on this context, we will analyze five songs from the Buarquian songbook, from the point of view of female and male lyrics, whose lyrics are inserted in the theme of love and erotism: Valsinha (1970), Tatuagem (1972), O meu Amor (1977) Todo o sentimento (1987), Aquela mulher (1985).

Keywords: Song. Love. Eroticism.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO | 10 |
| CAPÍTULO I – AMOR E EROTISMO | 12 |
| CAPÍTULO II – BREVE TRAJETÓRIA DE CHICO BUARQUE | 16 |
| CAPITULO III – ANÁLISES DAS CANÇÕES | 20 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 35 |
| REFERÊNCIAS | 37 |

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo analisar em três capítulos, traços do erotismo e do amor nas canções de Francisco Buarque de Hollanda. No primeiro capítulo será abordado o que é amor, em Betty Milan (1983), o que é erotismo, em Octavio Paz (1994) e o erotismo em Francisco Alberoni (1986), as análises serão feitas com base nesses teóricos. Mas, a final o que é amor e o que é erotismo? Segundo Octavio Paz, o erotismo é sexualidade transfigurada, é metáfora (Paz, 1994, p. 12). Para Francesco Alberoni, erotismo é: *“A própria possibilidade do erotismo, seu aparecimento no Ocidente, é o resultado dessa descoberta, do jogo da troca de papéis, por meio do qual cada um penetra nas fantasias eróticas do outro, cedendo-lhe as suas”*. (ALBERONI, 1986, p. 8).

O ato sexual tem a finalidade de fertilização, reprodução, porém no erotismo essa finalidade deixa de existir, e segue um rumo de fins individuais, que satisfaz apenas o desejo um do outro. Torna-se algo normal e corriqueiro, se até a linguagem foge do seu objetivo principal que é a comunicação, a sexualidade também se desvia, e nos dias atuais isso é natural, até porque se perguntarmos a qualquer pessoa comum hoje o que é sexo e qual a sua finalidade, ela poderá responder de forma correta, como também poderá dizer qualquer outra que se associe a este. O amor não dá para ser descrito ao certo, é quase que inaudito, nos faltam palavras e argumentos, Betty Milan (1983) e Francesco Alberoni (1986) nos dirá um pouco sobre esse fenômeno que mexe e nos abala tanto.

No segundo capítulo faremos um breve resumo da trajetória de Chico Buarque, abordando suas relações com o amor e com o erotismo. A maior parte do seu cancionário está voltado para o lirismo nostálgico e canções de protesto, mas há também o seu engajamento com o universo feminino, onde ele, de maneira extraordinária, sabe “decifrar” as mulheres de maneira minuciosa, além de sua relação com o teatro. Os sentimentos, sofrimentos, desejos e desvarios femininos, são tão bem expressos que até parece que Chico Buarque “já foi uma mulher em outra vida”. Sua música é uma espécie de “metacanção” que nada mais é do que a música sobre a música, que a torna atemporal, fazendo com que canções, que foram escritas há mais de 50 anos ainda nos digam muito nos dias de hoje. No terceiro e último capítulo, será realizada a análise das canções: *Aquela Mulher*, *Tatuagem*, *O Meu Amor*, *Valsinha e*

Todo o sentimento. Serão analisadas respeitando sua cronologia e principalmente a temática, amor e erotismo.

CAPÍTULO 1 – Amor e Erotismo

Do amor ao erotismo

O amor é inaudito, algo sublime que não avisa que está para chegar, simplesmente se instala sem pedir passagem e, quando nos damos conta, já não há mais o que fazer, é cruel, mas também se faz de bom moço. Existem diferentes tipos de amor, o amor pela mãe, amor pelo filho, amor por um animal de estimação, amor por uma pessoa do mesmo sexo ou sexo oposto; este trabalho retratará apenas o amor entre um homem e uma mulher, caso contrário, tornar-se-ia quase que infinito, pois há inúmeras formas de se amar.

Para Milan (1983), o amor é mentiroso, é como se o enamorado fizesse promessas, juras e, no fim nos deixasse “a ver navios”. Nós nos entregamos esperando uma reciprocidade, na esperança que vá durar além da vida, mas que não passa de mais uma aventura em alto mar. A cada novo amor uma nova esperança de se chegar ao auge do amar. O amor é abordado como um sentimento avassalador que não tem limites, um sentimento que vai além do que podemos imaginar, tão pouco podemos compreender. “O amor é uma promessa que não se cumpre e só por ignorarmos acreditamos nas suas juras, entregamo-nos a elas, como se do sentimento ou da vida se pudesse dar ou ter garantias”. (MILAN, 1983, p. 14)

Esse amor pode ser puro/ingênuo, delicado como também promiscuo e, muitas das vezes, ele é ridicularizado e banalizado. Vivemos em uma sociedade onde só o sexo é valorizado, uma modernidade que se faz perder o verdadeiro sentido do amor verdadeiro. Não que seja permitido ou haja uma regra que só deverá ser feito “sexo com amor”, mas é que a real função sexual é a fertilização/reprodução, mas, quando não há amor e afeto entre duas pessoas, isso deixa de ser sexo propriamente dito e passa a ser erotismo. Ora, se até a linguagem foge de sua real função que é comunicar, quem dirá o sexo. É importante ressaltar que, quando amamos de fato, amamos uma única pessoa. “Não se pode amar duas pessoas com a mesma proporção ou, ao mesmo tempo”. (Milan, 1983, p.17). Existem outros sentimentos que não podem ser comparados ou confundidos com amor a exemplo de paixão e afeto.

Quando amamos, fazendo isso por completo amamos do fio de cabelo até a parte mais íntima da alma. O amor não é a nós imposto, nós escolhemos amar e a quem amar. “Antes de tudo é preciso distinguir o amor propriamente dito do erotismo e da sexualidade. Há uma relação tão íntima entre eles que com frequência são confundidos”. (PAZ, 1994, p. 14)

Diferentemente do que acontecia no século XIX, onde os casamentos eram arranjados, não havia o casar por amor e sim por interesses familiares. O sexo cumpria a sua função de reprodução e o amor era uma consequência. Teria sorte a moça cujo marido passasse a amá-la de verdade. Francesco Alberoni (1986) classifica o amor entre feminino e masculino, pois, cada um busca seus desejos e vontades, independentes um do outro. Isso torna as mulheres muito mais independente, pois isso faz com que ela decida a quem, unanimemente vai amar de forma intensa e verdadeira.

Do erotismo ao amor

No erotismo nega-se a função de reprodução, para dá passagem ao prazer ao orgasmo e suas fantasias. Segundo Paz (1993) o erotismo é sexo em ação, como um verbo que está sempre em movimento. O prazer e o orgasmo estão um para o outro. Não conseguimos descrever o que é o orgasmo nem o que é prazer, nem qual o sentimento nós temos “quando chegamos a ele” ou porque chegamos. É um sentimento inaudito; é um misto de sensações que nos faz sentir bem; é como a passagem do vento. Sabemos que ele existe, sentimos, apenas não vemos, gostamos da sensação que ambos nos proporcionam. É um sentimento único e pessoal. Uma pessoa que acabara de ter relação sexual com seu parceiro, não conseguiria descrever como foi a sensação depois de ter feito amor, o que sentiu durante o orgasmo, é absolutamente impossível descrever.

A erotização é individual, diferente do sexo que tem sempre um parceiro. O erotismo é um ato “lúdico”, não há barreiras nem regras, vai de acordo com sua imaginação. Francisco Aberoni, em seu livro *O erotismo (1986)*, o classifica em duas etapas: masculino e feminino.

No erotismo feminino, a mulher por ser mais sensível, tem um outro olhar sobre o tema erótico, ao contrário do homem, posto, o que lhe dá prazer não é um vídeo de um casal fazendo sexo, mas sim o contexto de como tudo aconteceu, para pôr fim, chegar ao ato sexual. Ela dá valor aos mínimos detalhes, da maneira como é tocada e de como é beijada. Alberoni

(1986) diz que o erotismo feminino é considerado água com açúcar, (pag. 12), por ser a mulher fantasiadora, que procura sempre o amor ideal, o homem, perfeito e que espera que todas as suas expectativas amorosas sejam correspondidas. É do tipo que, depois do sexo, gostam de ficar agarradinha com o seu parceiro, é como se fosse uma extensão do orgasmo, para dá continuidade àquele momento. Se distrair para depois se entreolharem, beijarem-se para que um novo “amar” aconteça. Na visão do autor, esse erotismo feminino se distancia muito do erotismo masculino. O homem é mais apegado ao ato sexual. A mulher apega-se mais à questão amorosa. Depois do prazer ela quase que vela o sono do seu amado. É um êxtase prolongado, é um gozo contínuo. As mulheres sentem uma necessidade constantes de sentir-se amada, desejada, percebida, precisa ser tocada de uma maneira tênue e profunda até o mais íntimo de sua alma. Precisa sentir seu homem, o cheiro do seu corpo, suas mãos fortes, para que sua chama permaneça acesa, e, principalmente, para que o desejo não esfrie.

“O erotismo é também ansiedade, medo de não ser amada. É necessidade de ser procurada, procurada e mais procurada. É recusa, é dizer “não” com a ansiosa esperança de que o amado volte apesar daquele “não”, o erotismo atinge seu ponto alto nesta tensão, nesta indagação contínua, sempre desiludida e sempre renascente.” (ALBERONI, 1986, p.15)

Segundo Alberoni (1986), erotismo para o homem é um desejo desenfreado, onde basta uma foto de uma mulher despida para despertar esse sentimento incontrolável. Ao contrário da literatura água com açúcar da mulher, para o homem não existe meias palavras, é direto e objetivo. Faz sexo e logo o desejo pela parceira “esfria” e, quando se trata de alguma prostituta logo veste-se e sai, ou então espera sem demonstrar carinho até que se recomponha para que possa fazer sexo outra vez. Esse cenário muda, caso ele esteja apaixonado ou tenha sido a primeira vez com essa mulher que ele tanto desejou, ou que pretende se relacionar com ela mais de uma vez.

Em determinados momentos, depois da transa, o homem faz com que a parceira pense que foi usada para satisfazer apenas o seu instinto natural de macho, sendo ainda muito típico virar-se e perguntar *se foi bom, se ela gostou do sexo, se foi satisfatório*. Penso que não seja necessário fazer tal pergunta, se apenas ele se sobressaiu, se não deu a mínima importância para o conforto e para o prazer de sua parceira. Não que seja característica dos homens, mas digamos que apenas uma minoria age diferente. “O erotismo masculino é ativado pela forma

do corpo, pela beleza física, pelo fascínio, pela capacidade de sedução. Não pela posição social, pelo reconhecimento social, pelo poder”. (ALBERONI, 1986, p.26)

Diante disso, entendemos que estamos numa busca constante para uma definição concreta do que é o amor, mas que, mesmo com toda essa busca, nunca chegaremos a essa definição, mesmo que lêssemos dezenas e centenas de artigos e livros que falem sobre o amor, certamente em cada um deles, encontraríamos uma definição diferente, pois o amor não tem explicação, Está no olhar de cada um, no sentir, no fazer e isso é quase que inexplicável. Vejamos o que diz Octavio Paz sobre o amor.

O amor não é simples. É uma mistura composta por vários elementos, unidos e animados pelo desejo. Seu objeto tampouco é simples e muda sem parar. O amor é algo mais que atração pela beleza humana, sujeita ao tempo, à morte e à corrupção. (PAZ, 1994, p.43)

Quanto ao erotismo, entendemos que é o sexo de maneira figurada. É a inclusão do sexo em nosso meio, é a percepção que sexo é procriação e erotismo é momento, é variação, é a libido à flor da pele. Esse sentimento erótico pode ou não, ser mais afluído em determinados grupos de pessoas. Isso não quer dizer que essas pessoas não tenham apetite sexual, apenas, que dentro de uns, mora um forte desejo, um anseio constante de desejar e ser desejado.

CAPÍTULO 2 – Breve trajetória de Chico Buarque

A canção se destaca no século XX no Brasil por meio de diversos ritmos. Alguns destes trazidos de outros países a exemplo do funk, rock, reggae. Era da nossa cultura ouvir outros ritmos musicais, tais como bossa nova e a MPB. A Música Popular Brasileira ao longo dos anos 50 e 60 tornou-se tema principal de debates com grandes pensadores da cultura. “Ao desempenhar uma série de papéis antes reservados a veículos da “alta cultura” a canção passou a propiciar uma espécie de “educação sentimental” aos jovens de sua geração”. (CAMBRAIA, 2010, p .21).

Francisco Buarque de Hollanda nasce em 19 de junho de 1944, filho de um importante historiador do Brasil, Sergio Buarque de Hollanda, e da pianista amadora Maria Amélia Alvim Buarque de Hollanda. Em 1950, muda-se para Itália, e, em 1957, volta ao Brasil. Nesse período, começa seu relacionamento com a literatura. Escreve para o jornal da escola. Através da leitura começa um contato maior com pai, que o estimula. Além de ler literatura estrangeira de autores renomados, interessava-se também por Mário de Andrade, Guimarães Rosa e outros grandes nomes da literatura brasileira. Em 1963, entra para a faculdade de Arquitetura, cursa 3 anos e abandona. Entra para a faculdade de Letras. Começa a participar de shows promovidos pelos estudantes. Em 1964, começa sua jornada na chamada era dos festivais. No ano seguinte, em 1965, lança o seu primeiro compacto, com músicas de cunho social, que se preocupava com o outrem, relatando a falta de esperança das classes menos favorecidas. Nesse compacto destaca-se Pedro Pedreiro.

Adverte-nos Chico em Pedro Pedreiro, talvez a mais contundente crítica a esperança de toda a sua obra, a canção da espera desesperançada, e em que surge, pela primeira vez, essa personagem popular que iria fazer carreira na canção de Chico Buarque. (MENESES, 2000, p.116).

Sua carreira deslanchou de vez em 1966, com a música “A banda”. Nesse período, suas composições deram passagem ao lirismo nostálgico, que vai até meados de 1968. Esse lirismo nostálgico é uma busca por algo que ficou, que não foi vivido com a intensidade merecida, um misto de ansiedade e dor causado pelo sentimento da perda de algo que um dia tivemos, mas que nunca mais irá voltar, passou pelos nossos olhos e deixou saudades, boas lembranças. Tudo é memória, você lembra de coisas que talvez nem vivenciou, mas acha que viu em algum determinado ponto da vida, isso é nostálgico. “No entanto, essa “volta” nem sempre implica um retorno ao passado, à infância: às vezes, comporta a criação de um espaço privilegiado, em que se dá aquilo que não encontra realização no presente”. (MENESES, 2000, p.48)

Chico Buarque é considerado um poeta “polifônico”, pois há, em seu cancionário, diferentes sons e ritmos, por isso não tem como enquadrá-lo em algum estilo musical específico; da modinha à valsa, do rap ao samba, são alguns dos estilos do compositor carioca. São letras apreciadas, com alto teor poético, embora ele não se considere um poeta. Suas canções são simples e comunicativas.

Chico Buarque vai para a Itália em 1969, a ditadura já existe. Até aí as manifestações de artista esquerdistas eram aceitas. Retorna ao Brasil no ano seguinte. Depois do período nostálgico, é a vez das músicas de protesto entrarem em cena, Chico Buarque compõe *Apesar de Você*, que, por um erro do censor é aceita, e torna-se a principal música contra a ditadura. Após perceberem o erro, foram retirados todos os discos das lojas, dando início a uma caçada incessante. Chico torna-se o mais perseguido pela censura. No filme *Chico Artista Brasileiro*, ele conta que já estava saturado de escrever com raiva, de escrever no calor do momento, pois a medida que o tempo ia passando, essa raiva, conseqüentemente, passava e ficavam músicas soltas, vagando sem sentido. Daí começa outras composições, outros temas. Embora houvesse uma cobrança intensa pela continuação desse engajamento político, a última música composta com esse tema, foi o samba *Vai Passar*, que soava como um tom vitorioso, de todo o sofrimento que passaram naquele período.

Em entrevista concedida a *Rádio Eldorado* em setembro de 1989, Chico fala sobre a presença da mulher em sua obra:

Nos anos 70 a mulher deu um salto incrível em direção a sua própria liberdade. Quando a Nara me pediu uma canção em 66, era da mulher submissa, não é à toa. Mais tarde a mulher começou a sair e vieram os movimentos feministas etc. Mas eu acho que essas canções são mais consequência do meu trabalho pra teatro, onde por algum motivo as mulheres sempre foram muito fortes. Desde a Joana que a Bibi Ferreira fazia no Gota d'água, até as personagens de Calabar. Calabar é a história de Calabar contada, na verdade, pela sua mulher, sua viúva, que é a grande personagem da peça. Na Ópera do malandro a Teresinha é a personagem que dá a volta na história. As mulheres são muito fortes nesse meu trabalho pra teatro. E eu compus para essas personagens femininas. Então era natural que as canções refletissem essa.

Maria Bethânia deu entrevista para o Filme *Chico Artista Brasileiro* e contou que, ao apresentar-se para mãe menininha, cantou uma música do Chico, *Olho nos Olhos*, quando terminou a apresentação ela perguntou quem havia composto a música, adiantou-se logo e disse que não tinha sido um homem claro. Quando Bethânia lhe disse quem havia escrito a música, ela ficou surpresa, como um homem poderia descrever esse sentimento mais íntimo de uma mulher? Mais tarde, o próprio Chico, responde em entrevista concedida a um programa de TV, que o artista não tem sexo, ele pode incorporar diferentes gêneros, de acordo com o contexto e sobre o que ele quer falar. Começa a ser explorado também um outro universo, o feminino e amoroso, mas sem deixar suas canções de protesto. Em 1970, é lançado *Valsinha*, composição de Chico Buarque em parceria com Vinicius de Moraes. *Tatuagem* é composta em 1972/1973 em parceria com Ruy Guerra para a peça *Calabar*. *O Meu Amor*, composta em 1977/1978 para a peça *Opera do Malandro*. Em 1985 é lançado para o filme de Ruy Guerra, *Opera do malandro – Aquela Mulher*. Em parceria com Cristóvão Bastos é lançado *Todo o sentimento*.

Em determinado momento da carreira de Chico Buarque, a maioria das moças de suas canções ficavam sempre debruçadas à janela, a espera muitas vezes de seus amados. Após esse momento, Chico estreia no teatro com a peça *Roda viva*, mais a frente ele produz e compõe para outras peças teatrais. Em suma, sua relação com amor e o erotismo se deram com mais força e evidência a partir do momento que ele passa a produzir e escrever essas peças, visto que o amor e o erotismo, no lirismo nostálgico, eram retratados de forma sutil e contida, quase que imperceptível. Daí por diante muitas composições a cerca desse tema foram produzidas, tanto com narradores femininos, como por masculino, sempre carregadas de muito sentimentalismo e amor.

Além do cancionista, Chico Buarque é também escritor. Em 1979 foi editado *Chapeuzinho amarelo*. Em 1991, lança seu primeiro romance, *Estorvo*. Em 1995 *Benjamim*. Em 2003 *Budapeste*, em 2009, *Leite derramado* e seu último romance foi lançado há pouco mais de 4 anos *O irmão alemão*.

Capítulo – 3 Análises das canções

Valsinha (1970) Vinicius de Moraes - Chico Buarque

Um dia ele chegou tão diferente do seu jeito de sempre chegar
Olhou-a dum jeito muito mais quente do que sempre costumava olhar
E não maldisse a vida tanto quanto era seu jeito de sempre falar
E nem a deixou só num canto, pra seu grande espanto convidou-a pra rodar

Então ela se fez bonita como há muito tempo não queria ousar
Com seu vestido decotado cheirando a guardado de tanto esperar
Depois os dois deram-se os braços como há muito tempo não se usava dar
E cheios de ternura e graça foram para a praça e começaram a se abraçar

E ali dançaram tanta dança que a vizinhança toda despertou
E foi tanta felicidade que toda a cidade se iluminou
E foram tantos beijos loucos

Tantos gritos roucos como não se ouvia mais
Que o mundo compreendeu
E o dia amanheceu
Em paz

Composição de Chico Buarque e Vinicius de Moraes, lançada em 1970, em um disco compacto e, no ano seguinte, no álbum Construção. Essa canção escrita em terceira pessoa, com eu lírico onisciente, retrata a realidade de uma mulher, casada, acostumada a não ser percebida por seu companheiro, seu dever era servi-lo e permanecer calada. Seguindo a linha de pensamento do escritor Francisco Alberoni: “A mulher, fechada em casa, imagina-se frágil, fraca, necessitada de apoio emocional por parte do homem. Por isso se ocupa com o corpo, a pele, a beleza.” (ALBERONI, 1986, p.7).

Não é o caso da personagem de Chico, que não se preocupou com a aparência até o dia em que o marido chega diferente, e lhe olha com um jeito “muito mais quente, do que sempre costumava olhar”. É comum em um casal que se ama esse olhar ‘quente’, olhar apaixonado, olhar preliminar que antecede o sexo. É muito interessante como conseguimos entender o que cada olhar pretende nos dizer, no caso da personagem esse olhar foi de desejo, um olhar quem sabe de fantasias eróticas. Eróticas? Sim e porque não? Trata-se de um casal que há muito não ousavam, com toda certeza essa mulher apenas satisfazia seu companheiro, sua transformação

como mulher que, enfim, poderá se satisfazer e impor seus desejos e vontades, começa a partir deste momento: (*Então ela se fez bonita como há muito tempo não queria ousar / Com seu vestido **decotado** cheirando a guardado de tanto esperar*).

Nesses versos vemos que o personagem se despiu de sua habitual fantasia erótica onde nas entrelinhas do texto, parece ser obscura e mórbida. Deu passagem ao vestido decotado, que nos remete a pensar em nova fantasia erótica, ousada, que esperava o momento oportuno para ser enfim usada. Esse ousar não era apenas no modo de vestir, e, sim, de liberdade no momento de prazer, é desprender-se na hora de amar, é não conter os gritos e as palavras por medo de ser reprimida “... *E foram tantos beijos loucos*”.

Os beijos, loucos pode ser considerado sexo oral, os gritos roucos, gemidos de prazer, que por tanto tempo estiveram guardados, contidos, e jamais essa mulher por pudor e medo do seu homem ousou usar. Esses gritos foram usados, de maneira intensa e verdadeira. Não podemos deixar de pensar nessa canção, como uma história de amor, visto que aquela mulher suporta um casamento mórbido à espera de um momento oportuno para que seja enfim notada pela pessoa que ela ama, que, por sinal dorme ao seu lado todos os dias, mas que ela fica com o amor guardado, contido, suportando tudo para que, um dia, possa enfim lhe dar. De fato, o amor tudo espera e suporta. “Nada desqualifica o amado porque sem ele o amor fica sem objeto e o amante sem amor. Acima de Deus o amado, mas acima deste o amor.” (MILAN, 1983, p.32)

Toda a espera foi compensada, o casal desfrutou desse amor, como se estivesse sido a primeira vez de ambos, conquistaram o seu mais valioso troféu, um cuidado permanente, que perduraria dali até a eternidade.

Tatuagem (1972-1973) - Chico Buarque/Ruy Guerra

Quero ficar no teu corpo feito tatuagem
Que é pra te dar coragem
Pra seguir viagem
Quando a noite vem
E também pra me perpetuar em tua escrava
Que você pega, esfrega, nega
Mas não lava

Quero brincar no teu corpo feito bailarina
Que logo se alucina
Salta e te ilumina
Quando a noite vem
E nos músculos exaustos do teu braço
Repousar frouxa, murcha, farta
Morta de cansaço

Quero pesar feito cruz nas tuas costas
Que te retalha em postas
Mas no fundo gostas
Quando a noite vem
Quero ser a cicatriz risonha e corrosiva
Marcada a frio, a ferro e fogo
Em carne viva

Corações de mãe
Arpões, sereias e serpentes
Que te rabiscam o corpo todo
Mas não sentes.

Em parceria com Ruy Guerra, música escrita para a peça Calabar em 1972, uma das muitas canções buarqueanas que retratam o sentimento mais profundo da mulher. A letra desta canção mostra o desejo de uma mulher a permanecer com o seu parceiro de forma intensa e para o resto da sua vida: “*Quero ser a cicatriz risonha e corrosiva / Marcada a frio, a ferro e fogo Em carne viva*”.

Podemos analisar a tatuagem (marca no corpo), como meio de comunicação, onde a pessoa tatuada pretende mostrar algo, dizer ou manifestar-se através do desenho. Ela pode ser estética para que o indivíduo exiba esse signo em uma área onde acha belo e atraente ou em um local que quer mostrar alguma ideia ou se contrapor, de outro modo, pode ser vista também como forma de mácula: “*Que te rabiscam o corpo todo Mas não sentes*”.

Essa tatuagem é feita no calor do momento, por prazer, amor ou paixão, mas que, depois que passa esse momento ficamos “manchados” e obrigados a carregar essa mancha para sempre: “*Quero pesar feito cruz nas tuas costas Que te retalha em postas*”.

Na canção, podemos notar que essa tatuagem é uma forma figurativa, onde a personagem sente a necessidade de estar onipresentemente ao lado do seu amado, em todos os estantes, sem exceção: “*...pra seguir viagem Quando a noite vem*”.

Tatuagem não deixa de ser uma canção de amor com cenas eróticas, é só fechar os olhos e imaginar como seria esse momento: *“Quero brincar no teu corpo feito bailarina”*. O brincar sem inibições faz parte do erotismo. O brincar sob o corpo é erotismo. As mulheres conseguem chegar ao orgasmo de maneira mais rápida e precisa, quando estão de certa forma manipulando a situação, e isso fica nítido no “brincar” da personagem. Para ele, a mulher está eroticamente excitada, se elogia seu corpo, se grita de prazer, se dá a entender que nunca viu um membro tão excitante, se lhe beija o sexo (ALBERONI, 1986, p.61). A tatuagem tende a mostrar quem, de fato, tem o domínio e o poder sobre o corpo em questão. Depois do sexo incessante e frenético como mostra o verso: *“E nos músculos exaustos do teu braço / Repousar frouxa, murcha, farta Morta de cansaço”*.

É natural que a mulher queira repousar abraçada ao seu amado, até que os batimentos voltem ao normal e os ânimos se acalmem, não só a personagem quer ter esse momento pós noite de amor assim também são as maiorias das mulheres que, de fato, amam seus companheiros.

O homem acha que a mulher adora seu pênis ereto, o deus Priapo. Na verdade, o que ela deseja é a permanência do interesse amoroso da ternura, do abandono, da paixão. São esses os alimentos que nutrem seu erotismo, seu prazer. (ALBERONI, 1986, p 34).

Tatuagem é sem sombra de dúvidas uma das mais belas canções de Chico Buarque, nela podemos perceber traços de amor e erotismo ao mesmo tempo, nos faz enxergar, nas entrelinhas do texto a mais bela história de amor, que muitas vezes lemos ou ouvimos mais que pelo apressar das coisas ao nosso redor acabam por passar a despercebido.

O meu amor (1977-1978) – Chico Buarque

O meu amor
Tem um jeito manso que é só seu
E que me deixa louca
Quando me beija a boca
A minha pele toda fica arrepiada
E me beija com calma e fundo
Até minh'alma se sentir beijada, ai

O meu amor
Tem um jeito manso que é só seu
Que rouba os meus sentidos
Viola os meus ouvidos
Com tantos segredos lindos e indecentes
Depois brinca comigo
Ri do meu umbigo
E me crava os dentes, ai

Eu sou sua menina, viu?
E ele é o meu rapaz
Meu corpo é testemunha
Do bem que ele me faz

O meu amor
Tem um jeito manso que é só seu
De me deixar maluca
Quando me roça a nuca
E quase me machuca com a barba malfeita
E de pousar as coxas entre as minhas coxas
Quando ele se deita, ai

O meu amor
Tem um jeito manso que é só seu
De me fazer rodeios
De me beijar os seios
Me beijar o ventre
E me deixar em brasa
Desfruta do meu corpo
Como se o meu corpo fosse a sua casa, ai

Eu sou sua menina, viu?
E ele é o meu rapaz
Meu corpo é testemunha
Do bem que ele me faz

Canção escrita para a peça teatral *Opera do Malandro*, em 1978. A música é cantada em forma de monólogo, por duas mulheres (Teresinha e Lúcia), uma prostitua e a outra uma moça rica, que disputam o amor de um único homem. Ambas vão descrevendo, através de figuras diferentes, a maneira que esse homem ama cada uma delas. O eu lírico assume um caráter descritivo, e vai narrando, de maneira individual suas práticas eróticas, lembranças de sensações, sentidos e prazeres que aquele homem causa em seus corpos. O primeiro verso é cantado por Teresinha, o segundo por Lúcia, o refrão é cantado por ambas e assim sucessivamente.

Teresinha:

O meu amor
Tem um jeito manso que é só seu
E que me deixa louca
Quando me beija a boca
A minha pele toda fica arrepiada
E me beija com calma e fundo
Até minh'alma se sentir beijada, ai

A primeira amante começa a descrever sua intimidade amorosa ao lado do amado, homem viril, que a leva ao mais alto grau de prazer, sem deixar de ser cortês e amável, o homem que toda mulher gostaria de ter em sua cama.

Lúcia:

O meu amor
Tem um jeito manso que é só seu
Que rouba os meus sentidos
Viola os meus ouvidos
Com tantos segredos lindos e indecentes
Depois brinca comigo
Ri do meu umbigo
E me crava os dentes, ai

Lúcia relata como o seu amante a trata, e vemos que ele não faz distinção entre as duas pois, as trata bem, e faz também com que ela chegue ao ápice do prazer. O que podemos perceber nessa canção é que ambas as amantes dominam muito bem seu próprio corpo, a fim de sentir e dar prazer ao parceiro que, com seu jeito “manso”, e sua maneira de tocar seus

corpos, beijar, acariciar partes do corpo onde são mais sensíveis e prazerosas eroticamente, as leva a loucura, ao delírio máximo, ao ápice do orgasmo e do prazer. Quando analisamos o verso:

Eu sou sua menina, viu?
E ele é o meu rapaz
Meu corpo é testemunha
Do bem que ele me fazem

Podemos perceber que ambas não enaltecem outra qualidade do amante, apenas sua “potência sexual” e a qualidade com que ele pratica o sexo, em outras palavras, elas apenas o usam para saciar-se e sentir prazer, e isso faz bem aos seus corpos como elas bem colocam. Elas deixam claro para nós leitores que, de fato, querem ser merecedoras desse tal amante, para que ele explore eroticamente seus corpos, afim de sacia-las. Ambas falam: “O meu amor”, mas em nenhum momento aparece sinais que de fato elas o amem, apenas de desejo carnal, desejo que ele as ame, beije seu sexo, sem dó nem piedade. Para que toda sua eroticidade seja concretizada.

Aquela mulher (1985) – Chico Buarque

Se você quer mesmo saber
Por que que ela ficou comigo
Eu digo que não sei
Se ela ainda tem seu endereço
Ou se lembra de você
Confesso que não perguntei

As nossas noites são
Feito oração na catedral
Não cuidamos do mundo
Um segundo sequer
Que noites de alucinação
Passo dentro daquela mulher

Com outros homens, ela só me diz
Que sempre se exibiu
E até fingiu sentir prazer
Mas nunca soube, antes de mim
Que o amor vai longe assim
Não foi você quem quis saber?

Canção escrita para o filme *Opera do malandro*, de 1985, é mais uma música de Chico Buarque que retrata a mulher, mas é narrada por um eu lírico masculino. Podemos dizer que essa mulher se enquadra no que diz Alberoni: “Quando uma mulher se entrega a ele com muita facilidade e de modo desabrido, tema impressão de que ela o faz por cálculo, ou por um motivo, isto é, que age como uma prostituta”. (ALBERONI, 1986, p.62)

Chico ao retratar essa mulher da canção, deixa claro, a quem está ouvindo ou lendo, ser uma mulher da vida que nunca conheceu o amor e sequer foi amada, mas que também nunca nutriu um desejo para que isso viesse a acontecer. O narrador não sabe porque foi escolhido para essa missão de amar: “*Se você quer mesmo saber Por que que ela ficou comigo Eu digo que não sei*”.

Talvez pelo fato de ter sido um parceiro marcante, que superou suas expectativas eróticas, ou apenas por querer levar uma vida digna, sem enganar e sem ser enganada. A mulher em determinado estágio da vida deseja apenas amar, e retribuir esse sentimento. “*A mulher deseja estar com o homem que ama ou que lhe agrada. Deseja viajar com ele, ver as*

mesmas coisas que ele vê. Deseja ser admirada ao lado dele nas festas, mostrar-se em público”. (ALBERONI, 1986, p.62).

O narrador nos mostra de maneira real e metafórica como são suas noites de amor:

As nossas noites são
Feito oração na catedral
Não cuidamos do mundo
Um segundo sequer
Que noites de alucinação
Passo dentro daquela mulher

Ora, o que de fato ele quer dizer quando se refere a “passo dentro daquela mulher” e “Que noites de alucinação”? Ele está se referindo a nada mais do que ao ato sexual, às fantasias eróticas propriamente ditas, do prazer que ela lhe proporciona, do querer amar-se e saber amar, sem querer nenhum pagamento, apenas um amor sincero. De fato, ele confia nessa sinceridade quando diz: *Com outros homens, ela só me diz / Que sempre se exibiu / E até fingiu sentir prazer*

Podemos ver isso quando Alberoni exemplifica a prostituta:

Porque a prostituta não sente o interesse erótico que demonstra. Finge. Finge para ganhar dinheiro. É uma atriz e quer ser paga pela sua representação. Corresponde às fantasias sexuais masculinas, aceita seus ritmos, seus desejos eróticos, mesmo que não os aprecie, já que nada têm a ver com estes. (ALBERONI, 1986, p.12)

Com efeito, ela não sabia que o amor existia, não sabia como era ser amada e amar, exclusivamente, um único homem. O amor é inconstante, não escolhe quem vai amar, chega do nada sem pedir licença e quando nos damos conta já está instalado, feito um posseiro, dentro do nosso ser. *“Mas nunca soube, antes de mim Que o amor vai longe assim”*

Fica evidente, nesta canção, não apenas o desejo desvairado do ato sexual, por ambos, mas também a inocência misturada à ingenuidade daquela mulher sobre o amor, que nunca foi e nem será tão breve como o seu nome “amor”.

Todo o sentimento (1987) - Cristóvão Bastos /Chico Buarque

Preciso não dormir
Até se consumir
O tempo
Da gente
Preciso conduzir
Um tempo de te amar
Te amando devagar
E urgentemente
Pretendo descobrir
No último momento
Um tempo que refaz o que desfez
Que recolhe todo o sentimento
E bota no corpo uma outra vez

Prometo te querer
Até o amor cair
Doente
Doente
Prefiro então partir
A tempo de poder
A gente se desvencilhar da gente
Depois de te perder
Te encontro, com certeza
Talvez num tempo da delicadeza
Onde não diremos nada
Nada aconteceu
Apenas seguirei, como encantado
Ao lado teu

Por fim será analisado *Todo o sentimento*, música de Chico Buarque em parceria com Cristóvão Bastos, escrita em 1987. Canção carregada de sentimento do mais alto grau, diferente de outras composições suas, criadas mais cedo, as quais eram carregadas de dramaticidade. Em entrevista à *Folha de São Paulo* em 18/06/94, Chico fala um pouco sobre essa diferença:

Muitas de minhas canções amorosas também por conta do teatro eram sempre dramáticas. "Olhos nos olhos" por exemplo é uma canção muito teatral. As músicas mais recentes como por exemplo "Valsa brasileira" e "Futuros amantes" são mais líricas e mais poéticas. Já não há tipos, nem

personagens femininos. De qualquer forma, sem precisar me expor pessoalmente, eu assinaria todas essas canções teatrais como experiências minhas. São canções pessoais.

Ao longo dos anos, é notório que faculdades de letras, professores e estudantes passaram a ter um interesse maior em analisar a música popular brasileira como literatura de modo geral, isso se dá, pois, diversos compositores, a exemplo do Chico, escrevem de forma atual e criativa. Será analisado nesta canção, o sentimento amoroso e a paixão do eu lírico, observando todos os tempos da relação amorosa. É interessante notar que se trata de um narrador masculino, uma particularidade, visto que esse sentimentalismo romanesco é característico do gênero feminino, não que seja impossível vermos homens românticos, mas em geral é a mulher que se detém a esse detalhe.

Preciso não dormir
Até se consumir
O tempo
Da gente
Preciso conduzir
Um tempo de te amar
Te amando devagar
E urgentemente

Nesse primeiro verso podemos perceber a maneira intensa com que o narrador ama, a ponto de não dormir, de doar todo o seu tempo disponível em prol desse amor, mas que ao mesmo tempo não tem pressa, é cuidadoso e atento: *“O amor, por sua vez, também é cerimonia e representação, mas é alguma coisa mais: uma purificação, como diziam os provençais, que transforma o sujeito do encontro erótico em pessoas únicas”*. (PAZ, 1994, p.97)

É sabido que quando escolhemos uma pessoa para partilhar nossa vida, temos plena convicção, que o amor não será todo tempo calma, pois problemas virão e são comuns entre casais. Há em *Todo o sentimento* uma certeza que esse amor será abalado, porém foi feito um juramento no início desse “enlace”:

Prometo te querer
Até o amor cair
Doente

Doente
Prefiro então partir
A tempo de poder
A gente se desvencilhar da gente

Quando damos um “sim” para o amor, prometemos que estaremos juntos na saúde, na doença, até que a morte nos separe. A promessa de amar até na “doença” foi feita pelos amados, mas infelizmente houve a separação, o temido “desvencilhar” aconteceu, foi inevitável. Às vezes foge do nosso controle, e se torna impossível levar o amor sozinho pois: *“O amor é individual ou, mais exatamente interpessoal: queremos unicamente uma pessoa e pedimos a ela que nos queira com o mesmo afeto exclusivo. A exclusividade requer a reciprocidade, o acordo do outro, sua vontade”*. (PAZ, 1994, p.107)

Passaremos a analisar o último verso da canção, denominada pelo próprio compositor como “tempo da delicadeza”. Esse verso pode ser estudado por diferentes olhares. Rinaldo de Fernandes interpreta da seguinte maneira:

Pode ser também o seguinte: o amor, que, no primeiro momento, foi zelo, cuidado; que depois se degenerou a ponto de quase se perde; que, afinal, sucumbiu, partindo em retirada – o amor, de algum modo, fixou-se nos (ex)amantes, deixou marcas. Como resquício, restará em suas memórias. Enquanto resquício, o (ex)amor, e quando menos se espera, repassa da memória, ressurgue. (FERNANDES, 2012, p. 199)

Em suma, na interpretação de Rinaldo de Fernandes, os dois “terminam” como “supostos” amigos, restando apenas as boas lembranças nos (ex)amantes. Compartilhamos de outro pensamento, o relacionamento chegou ao fim, ok. Porém não é descartada a possibilidade de reconciliação quando o eu lírico fala:

Depois de te **perder**
Te **encontro**, com certeza
Talvez num tempo da **delicadeza**
Onde **não diremos nada**
Nada aconteceu
Apenas **seguirei**, como encantado
Ao lado teu

O narrador ressalta o rompimento da relação. Depois há um encontro, no tempo da “delicadeza”, que pode ser caracterizado como um outro momento da vida do ex-casal, no qual houve amadurecimento das partes envolvidas, e estão vivendo um momento passivo. “Nada aconteceu”. Com esse amadurecimento na vida amorosa, podemos interpretar que houve uma reconciliação, e ambos entendem que não há necessidade de revirar o passado, esse momento já foi superado e é página virada.

O recomeço acontece, o amor não morreu, ele está ali mais vivo do que nunca, afinal o amor não acaba assim tão depressa, principalmente quando é vivido de maneira intensa, como foi o exemplo do casal, ele apenas precisa ser regado para que possa florescer novamente. “...apenas seguirei, como encantado Ao lado teu”.

O encantado nos remete ao homem perfeito, o homem atencioso, cortês e amoroso que foi no início do relacionamento, tendo como meta apenas seguir ao lado da amada. Este final não está claramente descrito na canção, e cabendo ao leitor ouvir, analisar a canção, e tirar suas próprias conclusões.

Considerações Finais

Diante de tudo que foi exposto a cerca de amor e erotismo nas canções de Chico Buarque, fica evidente nas muitas pesquisas realizadas, a infinitude de letras escritas por ele que podemos assemelhar a esse tema. Um amor que não pode ser vivido, ou um erotismo contido. Consta em seu cancionário o amor e o erotismo, não somente cantadas pelo eu lírico feminino, como estamos acostumados a ouvir, apesar de ser uma característica forte do artista, vemos também, canções cantadas por um eu lírico masculino, sem deixar o sentimentalismo de lado. Essas composições, podemos assim dizer, são literárias/poéticas, mesmo o compositor não se considerando um poeta, dizemos que suas canções são poesias, por obedecerem à estrutura com rimas, versos e tudo que se assemelha ao universo do lirismo.

Não só nas canções de Chico Buarque, mas também em grande parte da música popular brasileira, podemos encontrar canções voltadas para o campo amoroso e erótico. Muito embora os autores não tenham a intenção clara de expor estas questões, o leitor, ao fazer uma leitura minuciosa, analisando as entrelinhas do texto, obtém suas próprias conclusões. É sabido que, após escrevermos um texto em qualquer gênero que seja ou em qualquer veículo de comunicação onde o mesmo seja publicado, ele não mais nos pertence, está aberto a toda e qualquer interpretação, ou seja, podemos analisar o mesmo texto mais de uma vez e, cada uma delas, com diferentes pontos de vista. No campo semântico isso pode ser caracterizado como polissemia.

Com base nas leituras de Francesco Alberoni (1986), Octavio Paz 1994) e Betty Milan (1983) foi possível identificar traços de erotismo e amor nas canções buarqueanas. Erotismo nada mais é do que a forma lúdica do “sexo”, é o brincar, é imaginar e fazer acontecer, desfazendo-se da principal função do sexo, que é a reprodução. Por sua vez, amor vai além do nosso ser, é único, eterno, belo, sincero, ingênuo e paciente. Podemos compreender que, nas canções buarqueanas, os personagens estão dotados de características amorosas e eróticas. Em “*O meu amor*” por exemplo, podemos observar características que evidenciam ambos os aspectos (amor e erotismo); em “*Tatuagem*” a forma intensa de amar; a alta libido em “*O meu amor*”, o estar perto e querer bem; em “*Todo o sentimento*”, o desejo constante em *Valsinha*. Essas músicas têm em comum a libido, o desejo constante do querer, do estar perto de amar de maneira intensa, sempre demonstrado pelo autor de maneiras variadas,

principalmente o desejo feminino. As canções foram analisadas cronologicamente e foi percebido que não seguem uma ordem linear, passa pelo lirismo nostálgico, variantes utópicas, críticas sociais sempre em forma de espiral.

REFERENCIAS

ALBERONI, Francesco. O Erotismo: fantasias e realidades do amor e da sedução. São Paulo: Circulo do Livro, 1986. Garzanti Editore. Tradução: Élia Edel

CHICO ARTISTA BRASILEIRO– Direção: Miguel Faria Jr. Coprodução: Globo Filmes, 1001 Filmes. Distribuição: Sony.

CHICO BUARQUE DO BRASIL: textos sobre as canções, o teatro e a ficção de um artista brasileiro / Rinaldo de Fernandes, organização. – Rio de Janeiro: Garamond : Fundação Biblioteca Nacional, 2009. 432p.

CHICO BUARQUE : o poeta das mulheres, dos desvalidos e dos perseguidos / organizado por Rinaldo de Fernandes. – São Paulo: LeYa, 2013. 408p.

FERNANDES, Rinaldo de. Vargas Llosa: um Prêmio Nobel em Canudos : ensaios de literatura brasileira e hispano-americana / Rinaldo de Fernandes. – Rio de Janeiro : Garamond, 2012. 300p.

HOMEM, Wagner. Histórias de canções: Chico Buarque/Wagner Homem. - São Paulo: Leya, 2009. Disponível em:
<http://data.culturasmetal.com.br/file/2016/10/28/H111320-F00000-X523.pdf> Acesso: 05 set. 2017, 06 set. 2017.

MENESES, Adélia Bezerra de. Desenho Mágico: Poesia e Política em Chico Buarque. 3ª ed. ampl.. 3ª. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002. v. 1. 260 p.

MILLAN, Betty. O que é amor. 1ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983. 88p.

NAVES, Santuza Cambraia. Canção popular no Brasil: a canção crítica / Santuza Cambraia Naves. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. – (Coleção contemporânea: Filosofia, literatura e artes)

PAZ, Octavio. A dupla chama: amor e erotismo. São Paulo: Editora Siciliano, 1994.

SILVA, Anazildo Vasconcelos da. A Poética de Chico Buarque: a expressão subjetiva como fundamento da significação. Rio de Janeiro, Sophos, 1974.

www.chicobuarque.com.br acessado em: 15 set. 2017, 16 set. 2017.

VALSINHA (1971) Construção PHILIPS/Phonogram LP

TATUAGEM (1973) "Chicocanta - Calabar, o elogio da traição" Philips LP

O MEU AMOR (1979) Ópera do Malandro Philips Compacto simples

TODO O SENTIMENTO (1987) Francisco RCA Victor/Ariola *LP*

AQUELA MULHER (1985) Ópera do Malandro Polygram/Barclay *LP*